

Bomba no Senado: suspeito é um funcionário da Casa

ACM minimiza episódio e critica alarde causado pela segurança. Granada, com pino, não explodiria

• **BRASÍLIA.** A suposta bomba que a Polícia Federal destruiu antontem dentro do Senado pode ter sido obra de um funcionário, segundo as suspeitas que circulam na Casa. As suspeitas se baseiam nos seguintes fatos: o homem que avisou o Corpo de Bombeiros através de um telefonema anônimo mostrou que conhecia muito bem as dependências do Senado; sabia que não havia o sistema Bina no telefone para o qual ligou; telefonara na sexta-feira e na segunda-feira, no início da tarde, para o Comitê de Imprensa, perguntando por vários jornalistas que costumam trabalhar no local. O alerta dado à telefonista do Comitê de Imprensa não foi levado a sério. Há suspeitas também de que o objetivo da ação foi desmoralizar a segurança do Senado.

O presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), disse ontem que já sabe a origem do artefato, mas não a revelou. O senador minimizou o episódio, dizendo que não se tratava de uma bomba. Irônico, disse que o artefato era, no máximo, uma bomba de São João:

— Não era bomba coisa nenhuma.

Foi uma pilhéria de um sujeito de mau gosto, que colocou o material ali para criar um falso terrorismo. Estamos sabendo mais ou menos de onde ela veio, fica mais fácil coibir. A segurança do Senado falhou porque deu dimensão que não poderia ter dado a um artefato da pior qualidade. Não era bomba, era gás lacrimogêneo. Isso desde sexta-feira estava anunciado. Isso é carnaval, uma bomba de São João.

O Instituto Nacional de Criminalística (INC) da PF divulga hoje, às 10h, um laudo sobre o material encontrado. Segundo informações obtidas junto ao INC, havia no pacote uma granada de gás lacrimogêneo com o pino. Portanto, ela não explodiria. Além disso, havia fotografias, pilhas, caixas de fósforo e até maionese no embrulho. As fotos seriam do plenário e do presidente do Senado.

Antônio Carlos anunciou que instalará câmeras de circuito interno de TV nos corredores do prédio do Senado, mas não aparelhos de raios X ou detectores de metais nas entradas da Casa, como já ocorre na Câmara dos Deputados. ■